

Zuzu Angel: Antígona Moderna e Inspiradora

VIERA, Maria Vitória Martins¹

RESUMO

Artigo sobre a história da costureira e estilista Zuleika de Souza Netto – Zuzu Angel. Partindo de um breve relato sobre sua vida mostramos a relação que Zuzu Angel formatou com a cultura brasileira, através da moda que criou e da sua participação política, foi o grande suporte que encontramos para colocá-la como a Antígona Moderna e Inspiradora. A metodologia utilizada combina pesquisas bibliográfica, documental e de memória. Para entendermos a obra de Zuzu Angel – a partir da qual as manifestações criativas e inovadoras decorrem dos conflitos entre o real e o ideal, características da dinâmica da vida em tempos de ditadura militar – realizamos um mapeamento de sua atuação no campo da moda e da política sempre como defensora da liberdade. Comparada à personagem de Sófocles - Antígona, Zuzu Angel ganha força mitológica. A procura do filho preso e depois, sabidamente morto, a procura pelo corpo desaparecido para dar-lhe digna sepultura. Como a Antígona grega, de rara tenacidade e convicção, ela enfrenta a força repressora da tirania impondo a consciência individual sobre a norma do Estado.

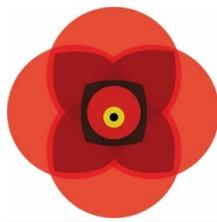
16

Palavras-chave: Design de Moda. Zuzu Angel. Antígona. Cultura Brasileira.

Abstract

Paper about the history of the seamstress and stylist Zuleika de Souza Netto - Zuzu Angel. From a brief account of his life, we show the relationship that Zuzu Angel shaped with Brazilian culture, through the fashion he created and his political participation, was the great support we found to place it as the Modern and Inspiring Antigone. The methodology used combines bibliographic, documentary and memory research. In order to understand the work of Zuzu Angel - from which the creative and innovative manifestations arise from the conflicts between the real and the ideal, characteristics of the dynamics of life in times of military dictatorship - we mapped their work in the field of fashion and Politics as an advocate of freedom. Compared to the character of Sophocles - Antigone, Zuzu Angel gains mythological strength. The search for the arrested son and later, known dead, the search for the disappeared body to give him worthy grave. Like the Greek Antigone, of rare tenacity and conviction, she

¹ Especialista em Design de Moda. Professora Universidade Fumec. E-mail: mvvieira@fumec.br.



faces the repressive force of tyranny by imposing individual consciousness on the rule of the state.

Keywords: Fashion Design. Zuzu Angel. Antigone. Brasilien culture.

INTRODUÇÃO

“Outros haverão de ter
o que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.
Mas o que a elles não toca
É a magia que evoca
O longe e faz d’elle história.
E por isso a sua glória
É justa aureola dada
Por uma luz emprestada” (PESSOA², s/d)

Sinto, a princípio, o mesmo orgulho de ostentar o título de costureira, o amor e o valor dado aos trabalhos artesanais brasileiros e o desvelo pelo próprio trabalho. Depois, a revelação da mesma obstinada mineiridade, a cada passo revelada, o fazer com as mãos, o guerrear sem tréguas. Daí, uma respeitosa identificação.

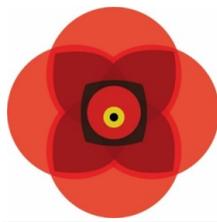
Essas razões, felizes coincidências e amigos comuns fizeram com que em 1974 conhecesse, pessoalmente, Zuzu Angel, na sua loja da rua Almirante Pereira Guimarães, no Leblon. A identificação foi confirmada.

Após o desaparecimento do seu filho Stuart Edgard Angel Jones, em 1971, veio a público facetas da vida familiar de Zuzu Angel.

A estilista, já famosa no Brasil e nos Estados Unidos, sem jamais abandonar sua carreira, utilizou do único meio que possuía, sua arte. Através de suas coleções chamou a atenção para o doloroso momento que vivia. Passou a denunciar de maneira incansável as torturas realizadas pelo governo militar e tornar público em todos os lugares que ia detalhes da morte e ocultação do cadáver de Stuart, inclusive à imprensa estrangeira. Revelando-se uma mulher destemida, ao fazer suas reivindicações, não era mais admirada só pelo mundo da moda, mas por todos que passaram a conhecê-la e saber da sua luta.

Ao escolher Zuzu Angel como tema resolvi ativar a memória, pesquisando e resgatando nuances da história dessa corajosa mulher.

² PESSOA, Fernando. “Os Colombos” em Mensagem, citado por FONSECA, Cristina. **O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa** (1888-1935). São Paulo: Martin Claret, 1986, p. 55.



Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho íntimo com o sujeito da sua pesquisa. Ela será mais válida se o observador não fizer observações alternadas sobre a vida do observado, mas participar da sua vida.

Roman Jakobson³ citado por Bosi (1979) pondera que a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participativo. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa.

É preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, mas condições de vida muito semelhantes.

Este artigo apresenta uma comparação entre a personagem de Sófocles e Zuzu Angel. A procura do filho preso e depois, sabidamente morto, a procura pelo corpo desaparecido para dar-lhe digna sepultura. Como a Antígona grega, de rara tenacidade e convicção, ela enfrenta a força repressora da tirania impondo a consciência individual sobre a norma do Estado.

Zuzu Angel: A Antígona Moderna

Zuzu Angel, nasce num período de intensas transformações sociais e políticas, no dia 5 de junho de 1921, filha de Francisca Gomes Netto e de Pedro Netto, nascia em Curvelo, no estado de Minas Gerais, Zuleika de Souza Netto.

O nome de Zuzu Angel, enquanto mãe e mulher, entrou para o rol das figuras femininas que marcaram nossa história.

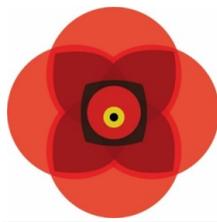
Em 1997 foi recusado, pela Comissão dos Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça, o pedido de indenização à família de Zuzu Angel, pela sua morte. Sua filha, Hildegard Angel, recorreu à justiça para que o Estado reconhecesse ser o culpado pelo acidente que causou a morte de Zuzu Angel.

Em 25 de março de 1998, a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça, reconheceu, enfim, que a costureira/estilista Zuleika Angel Jones foi vítima de atentado político organizado e executado por agentes do regime militar. Era a justiça brasileira assumindo, publicamente, o assassinato de Zuzu Angel pelo seu envolvimento nas questões políticas da época. (CARVALHO FILHO, 1998)

O comportamento de Zuzu Angel foi o reflexo das mudanças que a mulher conquistou durante décadas, e também, revelou a força e a coragem de uma guerreira que se opôs aos critérios do passado que aliava a figura feminina à fragilidade, ao temor e, até mesmo, à futilidade.

Poucos dias antes de sua morte, já a prevendo, entregou ao amigo Chico Buarque documentos e carta própria, pedindo que os divulgasse caso algo lhe acontecesse.

³ JAKOBSON, Roman citado por BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velho. São Paulo: Queiroz, 1979, p. 2.



Em 1977, Chico Buarque a homenageia transformando-a em Angélica. Seu canto – ela que já não pode mais cantar – é continuado pelo canto do poeta. A poesia eterniza o protesto de Zuzu Angel.

Quem é essa mulher
que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar...” (MENEZES, 2001, p.54)

Criada num ambiente de intelectuais, em uma família que teve desde cedo o gosto pelo conhecimento (o poeta Murilo Rubião freqüentava reuniões em casa de Oscar Netto, tio de Zuzu), o que colaborou para o seu contato com o acervo cultural brasileiro.

Ao comparar Zuzu Angel com Antígona heroína sofocliana, Carlos Drummond de Andrade não só usou de sua veia poética e maravilhosa inspiração, como nos levou a outras – e mais profundas – reflexões.

É pensamento de vários estudiosos dos clássicos gregos que as tragédias, antes de ser entretenimento, serviam como estímulo para discussões jurídicas, políticas, filosóficas e existenciais da sociedade grega e, porque não dizer, da humanidade.

Tentamos, em uma atitude temerária, levantar a possível relação entre a tragédia de Antígona e a tragédia Zuzu Angel.

A comparação do poeta foi o estímulo para que, relacionando essas duas mulheres, considerarmos Zuzu Angel sob outros enfoques. Sendo, apenas, uma abordagem inicial, fica o tema para uma futura discussão, com pesquisas e estudos mais aprofundados e pertinentes.

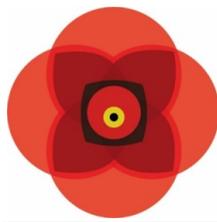
Antígona, provavelmente a segunda mais antiga dentre as tragédias conservadas de Sófocles, foi escrita há 2500 anos. Exalta a coragem de uma princesa enfrentando um rei tirano.

Filha incestuosa de Édipo, rei de Tebas, e da rainha Jocasta, Antígona viu seus dois irmãos se matarem na disputa pelo poder. Eteocle defendia Tebas. Polínicie, apoiado pelo reino de Argos, avançou sobre Tebas.

O fratricídio de Eteocle e Polínicie poluiu o solo tebano (miasma), evidenciando a sombria maldição que pesava sobre a família, os Labdácidas.

Subindo ao trono de Tebas, Creonte, tio de Antígona, promulga decreto (édito) proibindo honras fúnebres a Polínicie – considerado inimigo da cidade – enquanto Eteocle era enterrado como herói.

Antígona considera dever sagrado, imposto pelos deuses e leis não escritas, dar sepultura ao morto, em especial se tratando de parente próximo. Viola a ordem do rei e cobre, secretamente, o corpo do irmão com um pouco de terra e realiza alguns dos rituais que a religião grega preconizava para os mortos.



Descoberta a desobediência, Antígona confronta Creonte, com coragem e altivez, e é condenada à morte. Encerrada, viva, entre muros, Antígona se mata.

Ao narrar a triste sorte de Antígona, a heroína que dá a vida pelo irmão insepulto, Sófocles canta o poder do homem diante da tirania.

Tirania contra a qual Zuzu Angel lutou corajosamente. Como Antígona a Creonte, Zuzu lança ao Poder Imposto, que nenhuma lei humana ou real poderia detê-la naquele seu ato de obediência aos desígnios mais profundos. Aqueles que obrigam um parente a dar sepultura a um dos seus. A procura pelo corpo de seu filho Stuart para dar-lhe a dignidade de um rito fúnebre.

Do ponto de vista do Direito, em Antígona e Zuzu a luta se fazia em nome de leis eternas, ainda que contra aquelas postas pelo Estado. Ao cumprirem a lei natural (*jus natural*) desobedecem à norma instituída pelos homens, ao direito posto (*jus positum*) – ou melhor, imposto – pelos governantes.

O filósofo Hegel considerou Antígona como um modelo do choque existente entre os interesses do Estado, representado pelo rei Creonte, perante as leis não escritas – a *dikê* –, a ordem natural e os direitos familiares invocados pela princesa tebana. (SÓFOCLES, 1997)

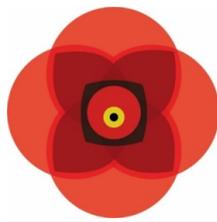
Antígona e Zuzu defendem, contra a pretensão totalitária do Estado, a existência de uma lei natural, anterior e mais ampla que a lei positiva. Essa lei natural seria inata à condição humana, não podendo ser desrespeitada sob pena de inviabilizar a própria idéia de humanidade.

Essa noção de que todo ser humano é detentor, pelo simples fato de existir, de certos direitos básicos naturais é um tema que sempre desafiou pensadores, juristas e homens de Estado, de todos os tempos e lugares.

Encontramos aí, outro aspecto no mesmo drama que liga as duas mulheres: a autodeterminação. O isolamento das heroínas. Antígona é abandonada pelo coro que a acompanhava, desconfia dos deuses e duvida do próprio impulso. Zuzu Angel é uma mulher sem partidários, sem exército, sem nada. Ambas abalam a tirania, sozinhas. E isso, em sociedades em que a vida pública era de competência masculina. Mas, a desgraça não cai sobre elas sem que, a procurem. “Deixa-me sofrer o tremendo castigo de minha temeridade! Por muito que eu sofra, nunca serei privada de uma bela morte” (SÓFOCLES, 1997).

Zuzu Angel sabia que alguma – outra – desgraça estava para lhe acontecer. Poucos dias antes de sua morte, ela entregou uma carta/documento a Chico Buarque, afirmando que caso sofresse um acidente, esse teria sido provocado pelas forças da repressão. Essas mulheres são guiadas por uma norma interior, que nasce do íntimo e, embora em harmonia com a lei religiosa, não se confunde com ela. Nisso residiria a corajosa independência que as movia.

Na verdade, Antígona e Zuzu são suplicantes. Ao afirmarem que valores universais não se submetem aos caprichos de um déspota, por mais



esclarecidos que se possam achar, apelam à lei antiga, natural, universal, que diz respeito a um mínimo de dignidade que merece um ser humano, independente de culpa.

A Convenção de Genebra, a respeito do tratamento a ser dado aos prisioneiros, também lembra a dignidade universal, a que aludem às duas mulheres.

A objeção da consciência (COSTANZA, s/d) e – o instituto afim – a desobediência civil (criação de Henry David Thoreau) encontram em Antígona uma precursora e em Zuzu Angel, uma divulgadora, mesmo que inconsciente: o cidadão não deve se sujeitar às atividades empreendidas pelo governo, se contrário a ela. Os princípios morais constituem direitos privados dos cidadãos, individualmente, e são opressores os governos que tentam legislar a respeito. Thoreau foi feliz ao definir a linha divisória entre as prerrogativas de todos os governos e os direitos fundamentais dos governados.

O mito de Antígona é a demonstração recorrente da força da mulher na formação de um Direito Justo. Ao postular o direito sagrado de reverenciar o irmão – impedida pelo poder autoritário – Antígona construiu a base da compreensão que, acima dos homens e das leis, há um Direito Natural, próprio da condição humana, sem o qual não há Justiça.

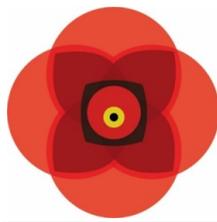
Assim como Antígona, Zuzu Angel é advogada basilar de que nenhum poder é maior que a dignidade dos homens e das mulheres, mesmo quando não mais habitam este plano de existência.

Há uma Antígona em cada mãe que chora por justiça. Na América, este mito encarna o papel participante das mulheres na construção do imaginário cultural. Elas são as que lutam pela dignidade dos povos contra a opressão.

Na Argentina, após o golpe militar de 1966, os militares passaram a governar diretamente. Na década de 1970, os governos recorrem à violência e o país mergulha no caos. Com o golpe militar de 1976, inicia a guerra suja: repressão sistemática contra os opositores, que faz mais de 10 mil desaparecidos. As mulheres tiveram, então, um desempenho fundamental. *Las Madres de la Plaza de Mayo* lutaram não apenas pelas vidas de seus filhos, mas também pela participação no espaço discursivo da sociedade.

No Chile, o sangrento golpe militar de 1973, depõe o presidente Salvador Allende. A junta militar que assume o poder – chefiada pelo general Augusto Pinochet – implanta uma brutal repressão. As mulheres se organizam e se aliam em movimentos sorrateiros, mas audazes, à procura dos seus desaparecidos, assim como no Peru, quando do golpe militar nacionalista em 1968. Ao massacre aos opositores, as mulheres enfrentaram a força do poder exigindo os corpos dos filhos e maridos.

Os brasileiros, após o golpe militar de 1964, vão ser governados por uma sucessão de militares da chamada linha dura.



É durante o governo General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) que o Brasil vai conhecer os chamados anos negros.

Exatamente após a decretação do Ato Institucional nº 5 - AI-5, em 13 de dezembro de 1968, quando os direitos políticos foram suspensos e os direitos individuais cerceados que Zuzu Angel levantará sua bandeira e lutará sem tréguas. Suas palavras e seus atos, como tomados por volúpia orgulhosa, quase suicida, não pedirão por comiseração ou por perdão, mas por Justiça.

A potência do mito tradicional de Antígona revive nestes deslocamentos: da possibilidade de recuperar um corpo, da possibilidade de enterrar, da possibilidade de resgatar/registrar uma história.

Há fatos desencadeadores que antecedem a tragédia. Em alguns casos, a tragédia presente é o desenrolar lógico de antecedentes por si já calamitosos.

A ideia de que o Estado utiliza-se do Direito, e por intermédio deste Direito consegue liquidar grupos raciais, religiosos e dissidentes políticos, em escala assustadora, é absolutamente aterrorizadora.

As questões éticas, jurídicas e familiares estão interligadas no drama Antígona/Zuzu Angel.

Sob o ponto de vista filosófico, ambas se elevam a uma grandeza humana, pela renúncia da própria felicidade terrena e das existências física e social. São figuras de rara tenacidade e convicção. A consciência individual se sobrepõe à norma do Estado, levando em decorrência ao aniquilamento. Aparece aí a face mais repressora do poder, diante do qual as subjetividades são esgotadas.

Antígona comunicou para todo o sempre sua mensagem de justiça: não vacilou ante a defesa dos princípios em que acreditava. E, assim, encarou a morte.

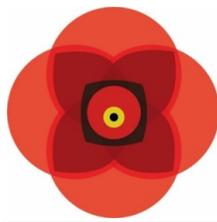
Zuzu Angel preferiu arcar com a ira e a violência do poder imposto a violar seus próprios princípios. Sabia que enfrentava um inimigo maior mas não se acovardou vendo o castigo iminente.

São vítimas voluntárias, às quais se refere Lacan:

[...] Pois bem, sabemos que, para além dos diálogos, para além da Pátria, para além da família, dos envoltórios moralizadores, naquilo que ela tem e nos faz refém, e ao mesmo tempo nos interdita, no sentido que isso intimida, no que ela tem de desnorteante – essa vítima tão terrivelmente voluntária. (LACAN, 1991, p. 300)

Antígona e Zuzu Angel, vítimas voluntárias, morrem. Morrem para dignificar todos os que em todas as épocas atacam a injustiça. São aventuras de lealdade, dignidade, linguagem, vida.

Assim como em Zuzu Angel, há uma Antígona em cada mulher que investiga, denuncia e julga uma violação do Direito. Não é descabido dizer que a Justiça é o reflexo de duas mulheres: Themis – considerada a personificação da ordem e do direito divinos, ratificados pelo costume e pela lei, e protetora dos oprimidos, era a deusa da justiça na Grécia – e Antígona, que por sua vez,



estão presentes em cada operadora do direito que entende a dimensão e a responsabilidade de tal reflexo.

Zuzu Angel, inspiradora

Inspiração [...]. 4 fig. entusiasmo criador que anima ou aumenta a criatividade de escritores, artistas, pesquisadores, etc. [...] 5 p. ext. pessoa ou coisa que estimula a criatividade; inspirador, musa (quando pessoa).

Inspirador [...] 2 fig. que ou o que inspira para o trabalho artístico ou científico; seminal [...] 4 que ou o que muda ou determina a direção de uma época, uma visão, uma prática consolidada, etc.; influenciador, direcionador [...] ETIM lat. inspirātor, ōris, o que inspira;... (HOUAISS; VILLAR, 2001)

Os brasileiros viveriam, nos anos 70, a época mais truculenta da ditadura militar. Emílio Garrastazu Médici, ao assumir a presidência em 30 de outubro de 1969, inaugurou os anos de chumbo ou os anos negros da ditadura, como ficou conhecido o período de seu governo, até 15 de março de 1974.

Os movimentos de oposição são contidos e silenciados pela repressão militar. Para neutralizar essa oposição ao regime, o governo faz uso de vários instrumentos de correção. A censura aos meios de comunicação e às manifestações artísticas (principalmente a partir de 1969, ano do Ato Institucional nº 14 – AI 14 –, da reforma da Constituição de 1967, da nova lei de Segurança Nacional e da escolha do general Médici para presidente), tolhem a produção cultural. As manifestações públicas desaparecem por quase uma década.

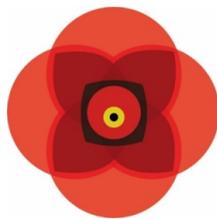
Somente em meados dos anos 70 os estudantes serão os primeiros a voltar às ruas em defesa das liberdades democráticas.

Foi exatamente nesse período, entre o desaparecimento do filho Stuart Angel em 1971 e sua morte em 1975, que Zuzu Angel levantou sua voz solitária contra os desmandos da ditadura revelando-os – os atos arbitrários praticados – por onde passasse e fosse ouvida.

A atuação e a bravura aliadas a excelência de sua moda criativa serviram de inspiração para vários artistas, autores, escritores, músicos e personalidades da vida civil brasileira. Instigados pela audácia e ações isoladas de Zuzu Angel, criaram obras que não só são documentos da história como homenageiam e perpetuam uma lembrança.

Mesmo sufocada pela censura, a década de 1970 não foi uma década perdida para a cultura brasileira. Heloísa Buarque de Hollanda cunhou a expressão vitalidade do silêncio para honrar a geração que fez poesia de mimeógrafo, que constatou que a vida não era só política, embora dela ninguém pudesse escapar. (GASPARI et al., 2000)

Zuzu Angel inspirou não só por revelar a violência e a opressão até então ignorados (por muitos) mas por sua própria personalidade demonstrada em



suas contradições, encarnando a dimensão, talvez uma das mais dramáticas de nossa história recente.

A pesquisa documental tem como intuito trazer informações sobre objetos, fotos, memórias. Pesquisando vida e obra de Zuzu Angel vê-se que ela reivindicaria, através de sua moda, a liberdade de expressão que o movimento de forte censura da época tentava calar. Também a revelação que a moda, a que se referiu Zuzu, esteve mais bem relacionada com uma expressão cultural do que propriamente com o consumo. A roupa perdeu importância enquanto objeto para ganhar suporte de mensagens políticas e artísticas; portanto não é mais nome e coisa, tornando-se significação e inspiração artística.

A mais conhecida e, sem dúvida, das mais belas obras poéticas inspiradas em Zuzu Angel é a canção Angélica, de Milton e Chico Buarque, composta em 1977 (MENEZES, 2001, p. 54-55). Com sua poesia e seu lirismo Chico escrevia a jornada de Zuzu e seu epílogo trágico na história brasileira.

Sampaio (1985) relata a entrevista em que Chico afirmava ter conhecido muito a Zuzu. Na manhã do dia em que aconteceu o acidente ela esteve em sua casa levando camisetas com desenhos de anjinhos, sua marca, para presentear suas três filhas. A confiança no poeta era tal que deixou com ele documento a ser publicado caso alguma coisa lhe acontecesse.

Não existe pessoa que tenha conhecido – de alguma maneira – ou lido sobre Zuzu Angel que não a identifique através da pergunta de Chico Buarque Quem é essa mulher?:

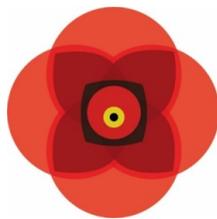
“Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento
Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo
Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar. (MENEZES, 2001, p. 55-56)

Chico Buarque não usou de metáforas. Poeta-repórter do seu tempo, Chico driblava a censura através de metáforas, imprimindo uma linguagem cifrada em suas composições – sem tirar a beleza de suas músicas – melódico sinal de alerta. Composições que marcaram para sempre uma época e fizeram a história de tempos sombrios. Em “Quem é essa mulher?” as coisas devem ser tomadas na sua literalidade. Essa mulher é Zuzu Angel, paradigma da função



da mulher, denunciadora da injustiça e da repressão máxima ao instinto da vida, que é a tortura e o assassinato. Em seu livro *Meneses* (2001) analisa detalhadamente a poética do autor ao descrever a figura cantada. Vale ressaltar a ênfase dada aos verbos que descrevem as ações: embalar, agasalhar, deixar descansar, todos indicando gestos tipicamente maternos, de proteção, preservação e cuidado. Cantar e lembrar também são marcadamente femininos, acentuando a memória, a recordação.

Existe ainda uma opinião, pouco difundida, que ao compor, em 1973, com Gilberto Gil, a música *Cálice*, Chico Buarque homenageia Zuzu. A atrocidade praticada contra Stuart Angel seria denunciada, bradando o grito desumano *Quero cheirar fumaça de óleo diesel*. (MENEZES, 2001)

Muitos anos depois, em fevereiro de 1998, a Escola de Samba *Em Cima da Hora* apresentou como enredo *Quem é você Zuzu Angel? Um anjo feito mulher?* (JORNAL DO BRASIL, 1998a) Desfilando no Sambódromo na madrugada de um domingo de Carnaval, a Escola não chegou a entusiasmar a arquibancada, nem recebeu muitos aplausos, mas aconteceu o inusitado em um dia de folia: participantes e público se emocionaram, chegando às lágrimas ao cantar a música, hino de louvor a Zuzu Angel e todas as mães que tiveram e têm que padecer o desaparecimento de um filho. O samba dizia:

Oh! Zuzu
Vem no bailar da poesia
Com minha escola, ser mais feliz
Bem à moda brasileira
No zig-zag desse meus país

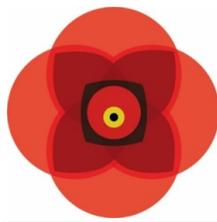
Vindo de Curvelo a mais bela
Encantando as passarelas
Ditando moda nesse meu Brasil
Inspirada no Nordeste
Nos irmãos cabra-da- peste
Orgulho varonil

Soldados bordados em rendas
Tanques de guerra
Mostravam o sofrimento dessa terra

O Prêt-à-Porter não foi brincadeira
Até Nova Iorque virou onda brasileira (bis)

Oh! Pátria mãe, taí esse nó na garganta
Quero só democracia
Me dê um fio de esperança
Ditadura nunca mais
Me lembro das torturas, que horror
Quantas noites acordada
Procurando o seu grande amor

Oh! Sereia
Clareia o fundo do mar
Traz o meu anjo de volta



Pra que eu possa embalar

Igualdade sim, violência não
Deixa a luz da consciência
Invadir teu coração

Igualdade sim, violência não
A Em Cima da Hora é nossa

Liberdade de expressão” (JORNAL DO BRASIL, 1998a)

A Escola de Cavalcanti, subúrbio do Rio, conseguiu reunir remanescentes da passeata dos cem mil, realizada em julho de 1968 no centro do Rio de Janeiro, para protestar contra a ditadura militar. Juntando os trapos e fiapos da memória 200 a 350 participantes voltaram às ruas, 30 anos depois, com filhos e netos.

Ao som do samba vão lembrar a passeata homenageando a luta de Zuzu Angel e seu filho Stuart Angel.

Em 1998, a Universidade Veiga de Almeida - UVA, em convênio com o Instituto Zuzu Angel, formava a primeira turma do Curso Superior de Moda. Os alunos que já vinham preparando um grande desfile de formatura homenageando grandes nomes da moda brasileira se dispuseram a trabalhar na confecção das fantasias da Ala da Moda e de alguns destaques da Escola de Samba Em Cima da Hora.

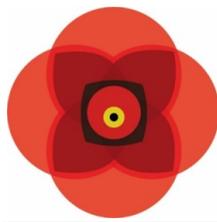
No carnaval de 2001 (março), Zuzu Angel é novamente homenageada na Avenida. A Escola de Samba União da Ilha do Governador desfila a ala Zuzu Angel enaltecendo a figura da costureira. (UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA, 2004)

Quanto a publicações, difícil será poder elencar livros, artigos, crônicas, ensaios inspirados em Zuzu Angel.

Ao morrer, Zuzu deixou inacabado um livro: Minha maneira de morrer (*My way of death*), onde registrava documentos escritos ou recolhidos por ela mesma. Reunindo essas informações, reorganizando todo o material, Virginia Valle, irmã de Zuzu, escreveu Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho. (VALLI, 1987, p. 27) Durante algum tempo esteve vinculada a produções teatrais elaborando desde teatro de bonecos até reuniões que envolviam amigas para cantar cantigas mineiras. Portanto, foi através da irmã, Virginia, que Zuzu esteve de alguma forma ligada ao Teatro Opinião, ao Teatro Tablado e sempre estreitando as relações Minas Gerais/Rio de Janeiro.

Heloneida Studart, deputada estadual pelo Rio de Janeiro, jornalista destemida com enorme capacidade de comunicação, sempre se preocupou com os dramas do povo brasileiro. Amiga constante de Zuzu Angel, publicou em 1981 o romance O estandarte da agonia inspirado na luta de Zuzu. (STUDART, 1981, p. 6)

Heloneida Studart caracteriza-se por possuir aquela força própria dos escritores de denúncia. Usa da ficção para atingir seu objetivo: desvendar e



denunciar a realidade. Investigar e interpretar acontecimentos reais e dominantes da evolução política e social do país.

O livro *O estandarte da agonia* conta a história de uma mulher à procura do filho desaparecido por motivação política. Com beleza lírica a força da indignação mostra como a realidade pode ser compreendida e resgatada através da ficção.

A própria Heloneida Studart considera essa homenagem à amiga Zuzu Angel como sua obra preferida. Nela encontramos: "Não sou uma mulher política, sou apenas uma mãe desesperada. Zuzu Angel, vinte dias antes do acidente que a matou, me contando que estava recebendo ameaças pelo telefone". (STUDART, 1981, p. 6).

O escritor maranhense José Louzeiro, criador no Brasil do gênero intitulado romance-reportagem, escreve *Em Carne Viva*, inspirado no drama de Zuzu Angel e de seu filho Stuart Angel. (LOUZEIRO, s/d)

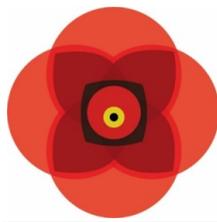
Crônicas e artigos foram escritos sob a inspiração de Zuzu/mãe, Zuzu/mulher, Zuzu/costureira, Zuzu/guerreira. Assim como Carlos Drummond de Andrade afirmou que Minas, são muitas creio que podemos parodiar dizendo são muitas Zuzu. (ANDRADE, 1983)

Nelson Werneck Sodré, Zuenir Ventura, Hélio Gaspari, Heloísa Buarque de Hollanda, Rose Marie Muraro, Lúcia Murat, Wladimir Palmeira, Alberto Dines, Alex Polari de Alverga, Tarso de Castro e outros nomes que, de uma maneira ou outra, se manifestaram – através da palavra escrita – contra a ditadura homenagearam Zuzu Angel tornado-a como uma musa inspiradora.

Valli (1987, p. 239) informa que o historiador Hélio Silva foi o primeiro a se pronunciar publicamente, rompendo o bloqueio da informação sobre o martírio de Stuart Edgar Angel Jones. Médico, jornalista e considerado a maior autoridade brasileira em História Política do Brasil moderno fundou o Centro de Memória Social, na Universidade Cândido Mendes, em Ipanema. Mesmo temendo por sua própria segurança, escreveu, em abril de 1975, o que chamou de pedido de socorro preventivo (VALLI, 1987, p. 239) sobre o caso Stuart e distribuiu a todos seus amigos e pessoas da sua relação. Silva (1975), no último volume de sua obra – *História da República Brasileira* – conta, citando fatos e apontando responsáveis, o assassinato de Stuart Angel descrevendo os requintes de crueldade adotados pelas autoridades militares. A História da República Brasileira era vendida nas bancas de jornal, em fascículos acessíveis a todos. Portanto, o Brasil deve a Hélio Silva a digna e corajosa denúncia.

Poetas, como Carlos Drummond de Andrade, músicos, como Chico Buarque, escultores, cientistas políticos – como já vimos – foram também acompanhados por intelectuais de várias vertentes.

Advogados como Nilo Baptista, na época presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB do Rio de Janeiro (que substituiu Heleno Fragoso, como



advogado de Zuzu), o próprio Heleno Fragoso, famoso criminalista, Heráclito Sobral Pinto, um dos maiores juristas e juristas brasileiros, Oscar Pedroso Horta, íntegro e respeitado advogado, depois Ministro do Supremo Tribunal Federal. Esses foram verdadeiros homens da lei que em época de liberdades cerceadas se manifestaram publicamente em favor dos presos políticos e também respaldando os atos de Zuzu Angel.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) escreveu em 25 de outubro de 1974:

Há neste momento no Brasil, sem que sequer se possa citar-lhes os nomes ao lado de nós, dezenas de lares e neles centenas de corações, que sofrem em silêncio a tragédia da esfera, da dívida sobre a vida ou a morte dos seus entes mais queridos... (VALLI, 1987, p. 133)

Sem citar nomes, Alceu Amoroso Lima se referia também a Zuzu Angel. A amizade e o bairrismo uniam os mineiros, no Rio de Janeiro. Mesmo não possuindo poderes de ação, muitos usavam o poder da palavra, do questionamento, da convicção. Este que foi um dos maiores pensadores católicos brasileiros cumpria com o dever cristão de clamar por justiça. Seus primos, os dois monges beneditinos e renomados intelectuais, Dom Timóteo Amoroso Anastásio e Dom Tito Amoroso Anastásio (cuja família era vizinha e amiga de Zuzu, em Ipanema) não só levaram o apoio da fé como agiram em surdina na teia da informação que ajudou a esclarecer muitos desaparecimentos políticos.

Ainda dentro da área do direito, anos depois de morta, Zuzu Angel inspirou um belo trabalho da advogada constitucionalista Carmem Lúcia Rocha Antunes. Professora da PUC/Minas (Direito Constitucional), ex-secretária do Estado da Justiça (governo Itamar Franco) discursa sobre o direito natural se pautando em Zuzu Angel. Foi na publicação do seu texto O constitucionalismo contemporâneo e a instrumentalização para a eficácia dos direitos fundamentais, que nos foi possível conhecer a comparação Antígona/Zuzu Angel feita por Carlos Drummond de Andrade, enorme e profícuo tema a ser desenvolvido, no futuro. (ROCHA, 2004)

No cinema, Zuzu continua inspirando diretores, roteiristas, produtores. Em 1984, Walter Salles desenvolveu o projeto de um filme sobre a saga de Zuzu Angel com roteiro (baseado em fatos reais) do chileno Jorge Duran. (JOFFILY, s/d) Trabalho até hoje não realizado, que não foi excluído dos projetos futuros do cineasta.

Em 17 de maio de 2003, o jornal Correio da Bahia, na Seção Bazar destacou a programação que seria apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, de 27 de maio a 15 de junho de 2003. (CORREIO DA BAHIA, 2003) Projeto selecionado pelo Centro o Filme-Fashion: Grandes estilistas, sob a curadoria de Alexandra Farah, mostravam filmes cujos figurinistas foram grandes estilistas internacionais como: Chanel, Saint-Laurent, Givenchy,

Valentino, Versace, Armani, Schiaparelli, etc. Na segunda parte da programação (a partir de 07-06) seriam exibidos filmes nacionais que tiveram como figurinistas-criadores brasileiros como Dener, Clodovil, Lino Villaventura, Ocimar Versolato, Guilherme Guimarães e Zuzu Angel (fez o figurino de O Quarto de Rubem Biáfora).

Em entrevista dada à jornalista Aurora Miranda Leão (LEÃO, s/d), o cineasta Sérgio Resende anuncia para 2005 a realização de um grande filme sobre Zuzu Angel. Assinado contrato com as filhas de Zuzu, Hildegard e Ana Cristina, a autorização foi concedida ao produtor Joaquim Vaz de Carvalho. (DAMASCENO, 2004) O roteiro será de Sérgio Resende e Marcos Bernstein, sendo que o início das filmagens está programado para julho de 2005. Inspirado pelo carisma de Zuzu Angel, o diretor afirma que é preciso levar ao conhecimento da juventude brasileira a atuação dessa mulher em uma época tão triste da nossa história.

Produzido pela família de Sônia Maria Moraes Angel Jones, em 1985, Sérgio Weisman dirigiu o vídeo *Sônia Morta e Viva*. (MOVIMENTO TORTURA NUNCA MAIS, s/d) Era a revelação da vida e das torturas sofridas pela militante política Sônia Angel, nora de Zuzu. Neste vídeo Alex Polari conta, em depoimento emocionado, o suplício de Stuart Angel. A atuação de Zuzu e seu empenho a procura do filho são também relatados.

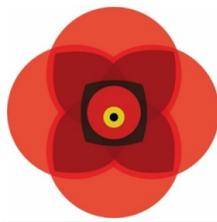
Os alunos do curso de informática da UVA produziram um CD-ROM sobre Zuzu Angel, como trabalho de fim de curso (1997). Inspirado na estilista, o trabalho apresenta sua história e participação política após o assassinato de Stuart Angel. (JORNAL DO BRASIL, 1997).

O programa Linha Direta da TV Globo levou ao ar, em novembro de 2003, um especial inspirado em Zuzu Angel, que recria a morte e colhe depoimentos valiosos sobre sua atividade enfrentando o governo militar. (TV GLOBO, 2003)

Em 1998, a Companhia Moderna de Dança do Rio de Janeiro apresentou no Teatro Teresa Raquel, em Copacabana, o *ballet* Zuzu Angel. Inspirado na trajetória política e profissional da estilista, o espetáculo teve trilha sonora de Chico Buarque, cenografia de Flávio Bragança, figurinos de Cristina Augusto e Natália Emiliano com 13 coreografias e dois solos dirigidos pela diretora da Companhia, Cristiane Regina. (JORNAL DO BRASIL, 1998b)

Também obras de arte foram veículos de homenagem/inspiração a Zuzu Angel. Marlí Crespo Azeredo (JORNAL DO BRASIL, 1998c), a Mazeredo, advogada de formação e artista plástica por opção, dedicou um trabalho a Zuzu. Uma escultura feita com resina e pó de mármore, com cinco metros de altura, mostra uma mulher com um braço para o alto. No pedestal, uma medalha tem o rosto de Zuzu. Executado em apenas seis dias, da elaboração à criação.

No dia 14 de abril de 1998 (22 anos após a morte de Zuzu Angel) a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro lhe prestou uma homenagem reinaugurando o antigo túnel Dois Irmãos dando o nome de Túnel Zuzu Angel. (JORNAL DO BRASIL, 1998d)



A Galeria de Arte Marly Foro Galeria, na rua Aníbal de Mendonça, em Ipanema, Rio de Janeiro, inaugurou em 28 de março de 1996 a exposição do artista Di Lorenza. Treze telas e uma escultura inspiradas em Zuzu Angel foram exibidas homenageando a estilista, ficando expostas até o dia 23 de abril de 1996. (JORNAL DO BRASIL, 1996)

No mundo da moda, inúmeras exposições, coleções, mostras foram feitas inspiradas em Zuzu Angel. Talvez a que tenha, até agora, deixado a marca mais profunda na memória de quem reverencia Zuzu e naqueles que a conheceram há pouco, foi a coleção do estilista mineiro Ronaldo Fraga: Quem matou Zuzu Angel? Apresentada na São Paulo *Fashion Week* (junho de 2001), mostrava sua coleção primavera-verão 2002. Pela primeira vez em temporadas da moda brasileira, uma coleção tratava de tema social com viés político. Modelos vestidas de anjos da procissão (bem mineiro), roupas com estampas verde-amarelo, bordados com motivos lúdicos como pombos, andorinhas, beija-flores, anjos. O desfile terminou com um vestido vermelho, picotado. Completando o visual, o cenário com bonecos pendurados. A jornalista de moda Érika Palomino, ao descrever o acontecimento, definiu o desfile como emocionante, além da qualidade criativa, o que comoveu a platéia.

Zuzu Angel foi inspiradora e homenageada não só nas obras mencionadas. Seu nome figura em muitas obras de caráter popular. Ruas (na sua terra, Curvelo; em Belo Horizonte, no bairro Belvedere – Projeto Rua Viva –; no Rio de Janeiro), obras sociais, como a Creche Zuzu Angel, em Coelho Neto. O túnel por onde passou para deixar, definitivamente, seu nome na história e, em cuja entrada, está a estátua da mulher com o braço levantado, símbolo da vitória, da liberdade de expressão por ela conquistada.

Quando em dezembro de 1993, no Palácio da Cidade, no Rio de Janeiro foi lançado e apresentado o Instituto Zuzu Angel, a imprensa, a comunidade da moda e o empresariado, entre outros, assistiram ao lançamento da Instituição que consolidará para sempre o nome de Zuzu Angel.

Um grande projeto virá, futuramente, para perpetuar seu nome no campo da moda brasileira: o Museu Zuzu Angel da Moda. Sonho de suas filhas, Hildegard e Ana Cristina, a idéia de sua criação foi lançada em 1996, no dia da abertura da exposição Zuzu Angel - A força do Anjo, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

A mulher que serviu de inspiração para muitos artistas e várias das nossas mais belas criações musicais e poéticas, é também, sinônimo de resistência a toda dominação imposta pela força bruta e cerceamento da liberdade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião**. 19 livros de poesia. V. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velho. São Paulo: Quieiroz, 1979, p. 2.

CARVALHO FILHO, L. F. S. Pareceres e trabalhos forenses: caso Zuzu Angel. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, ano 6, n. 23, jul.-set./1998.

CORREIO DA BAHIA. Estilistas no cinema: Mostra em São Paulo reúne filmes com figurinos de famosos criadores. Caderno de Domingo, Bazar, 05 mai. 2003. Disponível em: < <http://www.correiodabahia.com.br>>. Acesso em: 29 out. 2004.

COSTANZA. Objeção da Consciência. s/d. Disponível em: <<http://costanza.vila.bol.com.br.1.html>>. Acesso em: 22 nov. 2004.

DAMASCENO, Douglas. "Os Jardins do Éden" são tema de documentário. Entrevista a Sérgio Rezende. s/d. Disponível em: <<http://cinema.terra.com.br/festivaldoriorio2004/interna/0,0I397962-EI4117,00.html>>. Acesso em: 03 mar. 2004.

GASPARI, E; VENTURA, Z; HOLLANDA, H. B. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa s/c Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOFFILY, Ruth. Uma vez Zuzu, sempre Zuzu. Rio de Janeiro: Instituto Zuzu Angel, s/d. Disponível em: <http://www.uva.br/izauva/uma_vez_zuzu.htm>. Acesso em: 23 set. 2004.

JORNAL DO BRASIL. **Alunas do curso de informática...** Informe JB, p. 6, 6 jul. 1997.

JORNAL DO BRASIL. **Exposição 1**: Abertura - Di Lorenza. Revista Programa, p. 15, 28 mar. 1996.

JORNAL DO BRASIL. **São Clemente aposta na volta**. Jornalistas FRANCO, Carlos e MELLO, Murilo Fiúza. Caderno B, Legenda N, p. 27, 23 fev. 1998a.

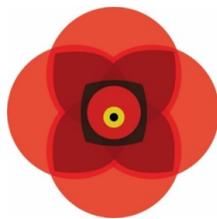
JORNAL DO BRASIL. **O atelier da Mazeredo**: pincéis e livros se espalham pelo atelier de Marli Crespo Azeredo, a Mazeredo, que expõe seu trabalho inspirado no futebol, em Paris. Mulher, p. 55, 27 jun. 1998c.

JORNAL DO BRASIL. **Coreografia festeja a estilista Zuzu Angel**. Jornalista SÁ, Fátima. Informe JB, p. 06, 11 nov. 1998b.

JORNAL DO BRASIL. **Zuzu Angel dá nome ao túnel Dois Irmãos**. p. 15. 10 abr. 1998d.

LACAN, Jacques. Seminário nº 7 - A Ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LOUZEIRO, José. **O romance reportagem**: biografia. s/d. Disponível em: <<http://www.louzeiro.com.br/bio.html>>. Acesso em: 3 ago. 2004.



MENESES, A. B. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PESSOA, Fernando. "Os Colombos" em Mensagem. In: FONSECA, Cristina. (org.) **O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa** (1888-1935). São Paulo: Martin Claret, 1986, p. 55.

POLARI, Alex. **Em busca do tesouro**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982 [Coleções Edições do Pasquim, v. 121]

ROCHA, C. L. A. O Constitucionalismo contemporâneo e a instrumentalização para a eficácia dos direitos fundamentais. **Revista CEJ - Conselho da Justiça Federal**, Centro de Estudos Judiciários. Brasília: CEJ, s/d Disponível em: <www.cjf.gov.br/revista/numero3/artigo10.htm_94k>. Acesso em: 19 out. 2004.

SAMPAIO, Angélica. Entrevista concedida por Chico Buarque, em 10/12/85, na Rádio Atividade do Centro Cultural. São Paulo, 1985. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 10 nov. 2004.

SILVA, Hélio. **História da República Brasileira**. São Paulo: Editora Três, 20 vols, 1975.

SÓFOCLES. Antígona. Versão do grego e notas de Maria Helena da Rocha Fialho. Brasília: EDUNB, 1997.

STUDART, Heloneida. **O estandarte da agonia**: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

TV GLOBO. **Caso Zuzu Angel**. Programa Linha Direta - Justiça. Rio de Janeiro: TV Globo Ltda. 27 nov. 2003. Disponível em: <http://linhadireta.globo.com/justica/justica_home.jsp>. Acesso em: 25 out. 2004.

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA - UVA. Realizações do Instituto Zuzu Angel. s/d. Disponível em: <<http://www.uva.br/izauva/outras.htm>>. Acesso em:

VALLI, Virgínia. **Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho**: a verdadeira história de um assassinato político. Rio de Janeiro: Rural, 1987.

Recebido em 28/06/2017.

Aprovado em 31/07/2017.